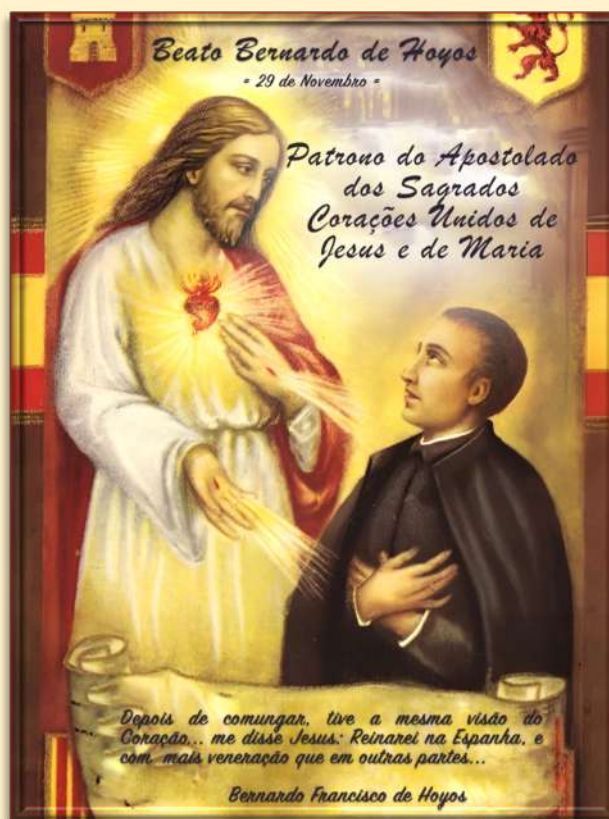


O BEATO BERNARDO FRANCISCO DE HOYOS APÓSTOLO DO CORAÇÃO DE JESUS

= Resumo de sua Biografia =



Fonte: Escrito de Pe. Angel Peña O. A. R. – Lima – Peru

Nihil Obstat

Padre Ricardo Rebolleda
Vicario Provincial del Perú
Agustino Recoleta

Imprimatur

Mons. José Carmelo Martínez
Obispo de Cajamarca (Perú)

Disponível em: www.libroscatolicos.org

INTRODUÇÃO

A vida do beato Bernardo de Hoyos foi curta, mas repleta de Deus. Ele foi o apóstolo da devoção ao Coração de Jesus na Espanha.

Morreu aos 24 anos, recém-ordenado sacerdote, mas Deus elevou-o às grandes alturas da santidade, comparável à dos maiores santos da Igreja. Não só teve a graça do casamento com Jesus, mas também muitos carismas e dons sobrenaturais, que o tornam um santo muito especial.

A companhia permanente de seu anjo da guarda e do arcanjo São Miguel é muito querida em sua vida. Além disso, alguns santos de sua especial devoção se apresentavam frequentemente como amigos queridos.

Entre eles estão seu pai fundador, Santo Inácio de Loyola, São Francisco de Sales, a quem ele tomou como seu diretor espiritual, São Francisco Xavier, Santa Teresa de Jesus, Santa Madalena de Pazzis, Santa Margarida Maria Alacoque, São Miguel, Gabriel e Rafael; outros santos apareciam para ele no dia de sua festa e em outras ocasiões, como São Luís Gonzaga ou São Estanislau de Kostka. Ele vivia a comunhão dos santos e seu relacionamento com os anjos e santos era normal e permanente.

É claro que a Virgem Maria ocupava um lugar de destaque entre todos os santos, mas sua principal devoção e amor era Jesus, presente na Eucaristia. Por isso, dava tanta importância à oração diante do Santíssimo Sacramento e à celebrar dignamente a Santa Missa cada dia.

Peçamos ao Senhor que nos dê a graça de nunca nos sentirmos sozinhos, sabendo que temos ao nosso lado o nosso anjo da guarda e que, na medida em que o invocarmos, assim como outros anjos e santos, eles nos ajudarão em nossa caminhada pela vida.

1 - SEUS PRIMEIROS ANOS

Bernardo Francisco de Hoyos nasceu em Torrelobatón (Valladolid) no dia 21 de agosto de 1711. Foi batizado na igreja de Santa Maria no dia 5 de setembro.

Deram-lhe o nome de Bernardo, porque no dia anterior tinha sido a festa do grande doutor da Igreja, São Bernardo Abade, e o de Francisco, porque quem o batizou quis colocá-lo sob a proteção de São Francisco Xavier, o apóstolo das Índias.

Seu pai, Manuel de Hoyos Bravo, nasceu e viveu na cidade de Toro (Zamora), onde exerceu o cargo de notário até 1710, ano em que se mudou para Torrelobatón, onde continuou a exercer o cargo de notário até sua morte.

Sua mãe, Francisca María de Seña Fuica, nasceu em Medina del Campo (Valladolid) e, em 1710, mudou-se com sua família para Torrelobatón, onde conheceu e se casou com seu futuro marido. Quando este faleceu em 1725, casou-se com Francisco López de Zurita, que exercia o cargo de notário na mesma Torrelobatón. Ela faleceu em 1730, deixando dois filhos órfãos do seu primeiro casamento: Bernardo e María Teresa.

Sua mãe o educou cristãmente, sentindo a grande responsabilidade que Deus lhe havia confiado. Por isso dizia: *“Deus me fez saber que, se por minha culpa, esta criança se perdesse, eu faria com que se perdesse um grande santo.*

Ele tinha apenas sete anos quando, ao ver um púlpito portátil na porta da igreja, subiu nele com destemor e, cercado por muitas crianças e até mesmo por pessoas mais velhas que o ouviam com admiração, pregou parte do sermão que acabara de ouvir no Domingo de Ramos.

Ele estudou suas primeiras letras em sua cidade natal e foi confirmado aos 9 anos, em 23 de maio de 1720. Aos 10 anos,

seus pais o enviaram para estudar gramática em Medina del Campo (Valladolid), *no Colégio da Companhia de Jesus. Lá, ele morava com uma tia que amava como mãe e a quem obedecia com respeito filial... Repararam que ele saía para o estudo sem tomar café da manhã. Sua tia o avisou uma vez para não fazer isso, porque poderia ser prejudicial para sua constituição física nada robusta, mas ele respondeu que, por ter sido criado doente quando criança, bastava-lhe pouca comida e que, quanto ao café da manhã antes de sair de casa, seu estômago não suportava tais cargas tão cedo pela manhã. Resposta com a qual ele escondia sua mortificação.*

Estando em Medina, ele empreendeu uma longa viagem a Madri, motivado por um parente que o convenceu de que lá ele poderia estudar mais e melhor. Ele tinha em Madri um tio bastante abastado, Dom Tomás Hoyos, irmão de seu pai, e, julgando que ao lado dele desfrutaria de todo o conforto para alcançar seus objetivos, partiu sem comunicar a ninguém seu desígnio. *Fez a viagem num burro e, em dois dias, atravessou as montanhas de Guadarrama e apresentou-se na casa do seu tio. O tio abraçou o menino Bernardo com admiração e ternura, vendo o cansaço com que ele tinha percorrido tantas léguas em busca do seu bom desejo. Ele ficou alguns dias. Mas, parecendo-lhe que a Corte não era muito oportuna para os intentos que o haviam levado até lá, ele o enviou de volta com bagagem mais confortável para Medina.* Lá, ele estudou durante um ano como aluno externo e depois estudou três anos no colégio de Villagarcía de Campos, onde havia 70 alunos externos, distribuídos em cinco cursos.

Seu pai faleceu em 25 de abril de 1725 e sua mãe lhe deu permissão para entrar na ordem religiosa dos jesuítas. Ela ficaria com sua filha de oito anos, Maria Teresa, mas os superiores não o admitiram.

Ele tinha 14 anos, mas por ser pequeno e magro parecia mais novo e o Superior dos jesuítas que o examinou não lhe deu

permissão para entrar até que crescesse um pouco mais. No entanto, o padre José Félix de Vargas, que o conhecia, intercedeu por ele junto ao provincial e conseguiu que o admittissem. Em 11 de julho de 1726, o padre Manuel de Prado, mestre de noviços e reitor do Colégio de Villagarcía de Campos, onde ficava o noviciado, recebeu Bernardo.

2 - NOVICIADO

O padre Manuel de Prado dirigiu-o como reitor e professor durante três meses. Depois, teve o padre Ignacio de Eguíluz, sendo o vice professor o padre Juan de Loyola, que foi seu principal biógrafo e diretor espiritual.

O padre Loyola afirma: “Posso dizer, para glória de Deus e crédito da virtude deste jovem santo, que, tendo-o confessado geralmente em seu noviciado mais de uma vez, não me lembro de ele ter perdido a graça que recebeu no santo batismo.

Durante o noviciado, consagrou-se como servo da Virgem Maria e usava ao pescoço uma corrente como símbolo dessa servidão. Pouco tempo depois, consagrou-se à Virgem como filho de Maria e rezava todos os dias o rosário com muita devoção. **Nos dias festivos da Virgem, celebrava-os com orações e penitências especiais; e recebia nesses dias grandes favores da Virgem Maria.**

Desde o noviciado, ele já tinha muita devoção ao anjo da guarda, que via à sua direita e com quem conversava. Também tinha muita devoção ao arcanjo São Miguel.

No dia de Natal de 1725, quando era noviço, teve uma visão real do Menino Jesus.

Ele diz: “Vi o terno menino Jesus em seu presépio com uma flecha como ferindo meu coração... e surgiu-me por fora uma grande bolha, como uma avelã, que aumentava à medida que os afetos passavam.

Ele tinha tanto desejo de amar Jesus e de não ofendê-lo nem com o menor pecado que assegurava: “Não cometeria uma imperfeição consciente, mesmo que me dessem mil mortes”.

Ele teve outra visão do Menino Jesus em 3 de dezembro de 1726, acompanhada de alguns fenômenos corporais extraordinários.

Nessa ocasião, o padre Juan de Loyola pediu a opinião de Agustín de Cardaveraz, do Colégio de San Ambrosio de Valladolid, pois esse mesmo jovem era levado por Deus por caminhos extraordinários. Em carta de 2 de janeiro de 1727, Cardaveraz deu sua opinião ao padre Juan de Loyola sobre o noviço Bernardo e, a partir desse momento, surgiu uma correspondência epistolar entre os dois jovens.

Por volta dessa época, Bernardo leu a vida de São João Berchmans e decidiu imitá-lo. Para isso, pediu ao mestre dos noviços uma imagem desse santo jesuíta. O comportamento de Bernardo era tão exemplar para todos que logo começaram a dizer quem se comportava corretamente: “Parece outro irmão Hoyos”.

Um dia, em uma visão intelectual, ele viu o Menino Jesus como um pescador divino que, com um anzol de ouro, pescava corações em um lago de águas calmas e cristalinas. Ele desejava que ele pescasse seu coração. Outro dia, viu uma imagem do Menino Jesus vestido como pescador, lançando o anzol em um lago para pescar um coração submerso em suas águas. Pediu essa imagem ao seu mestre e, assim, pouco a pouco, o Senhor começou a lhe comunicar graças extraordinárias, como visões, êxtase, incêndios de amor, etc.

Ele sofreu muito por parte do demônio durante um mês no segundo ano de noviciado e durante cinco meses durante o tempo dos estudos de filosofia. No Colégio de Villagarcía, ele se disciplinava em segredo. Mas um colega percebeu, porque a disciplina estava manchada de sangue.

Após sua morte, foram encontrados cilícios, correntes e outras coisas com as quais ele fazia penitência.

O companheiro Osorio observou que, já no noviciado, ele misturava cinzas e absinto na comida durante o jantar. Ele se abstinha de qualquer bebida às sextas-feiras durante todo o ano, mesmo no verão, ***e fazia uma Hora Santa nas noites de quinta para sexta-feira.***

Terminado o noviciado, Bernardo fez seus votos simples e perpétuos na capela do Colégio de Villagarcía, em 12 de julho de 1728.

Ele havia nomeado sua irmã como herdeira de seus bens antes de fazer seus votos como jesuíta. Maria Teresa casou-se em 1734 com o notário civil Jacinto Abril de San Pedro e teve com ele 11 filhos.

3 - FILOSOFADO

No início do mês de outubro de 1728, Bernardo foi enviado de Villagarcía para o Colégio de Medina del Campo para estudar os três anos de filosofia. Naquela época, ele tinha 17 anos de idade. O reitor da Casa de Medina era o padre Juan de Salinas. Lá, ele aprendeu lógica, física e metafísica com o professor padre Fernando de Morales, que antes de ingressar na Companhia de Jesus havia sido provisor da diocese de Valladolid e era considerado por todos um homem excelente em virtude e ciência. Este jesuíta, durante os três anos em que Bernardo esteve em Medina, foi seu diretor espiritual, embora Bernardo continuasse sua correspondência espiritual com o padre Juan de Loyola e com o jovem Agustín de Cardaveraz.

Bernardo renovava seus votos várias vezes ao dia, agradecendo a Deus por tão singular favor e afirmando: São Luís Gonzaga e São Estanislau protegem minha pobreza; Santa Teresa e Santa Maria Madalena de Pazzis, minha castidade;

São Inácio e São Francisco Xavier, minha obediência; São Francisco de Sales, os três votos juntos.

Um dia, após a comunhão, ele viu São Miguel acompanhado por uma multidão de anjos, que vinha com toda a beleza, resplendor e majestade que correspondem ao anjo supremo.

Ele trazia em suas mãos um véu mais branco que a neve. No centro, viam-se letras douradas que, juntas, compunham a palavra CASTIDADE. *São Miguel disse-lhe: “Venho como príncipe dos anjos para lhe trazer o dom desta virtude; com ele, mesmo que daqui em diante sofra as imaginações que os demônios despertam em você, é certo que nunca chegará a pecar.*

Quanto à castidade, o padre Loyola e, em geral, seus companheiros, davam-lhe o nome de anjo.

E ele mesmo relata que um dia o arcanjo São Miguel lhe cingiu o cinto da castidade como sinal de proteção.

No dia da Santíssima Trindade (12 de junho de 1729), após comungar, este altíssimo mistério lhe foi representado com uma visão intelectual tão elevada que Bernardo confessa novamente ser-lhe totalmente impossível dizer o que viu e compreendeu nela.

E o Verbo eterno falou-lhe em nome de toda a Trindade e disse-lhe: ***Estes dias deixei-te com a minha divindade; agora deleita-te com ela. Aqui estás seguro, pois o demônio não pode entrar aqui, mas tem cuidado, pois ele te espreita. No entanto, não temas, pois eu te guardarei.***

4 - DESAMPARO

Enquanto Bernardo estava em Medina, ele passou pelo que o padre Loyola e o padre Prado chamam de grande purificação

ou grande abandono durante cinco meses, desde 14 de novembro de 1728 até o dia da Páscoa, 17 de abril de 1729.

O Senhor avisou-lhe que ele entraria nesse grande abandono em 14 de novembro.

Ele disse-lhe: No dia seguinte à festa do meu servo Estanislau, entrarás no abandono.

Quando se aproximava o momento do abandono, Jesus lhe disse: *“Já chegou o tempo determinado pela minha providência: Filho, o demônio está como um leão amarrado; ao desamarrá-lo, ele se lançará sobre você”.*

Ao mesmo tempo, renovou-lhe a promessa de que sua doce Mãe, a Virgem, Santa Teresa de Jesus, Santa Maria Madalena de Pazzis, São Miguel e seu anjo da guarda o assistiriam. E ele soube que seriam quatro os demônios que o tentariam. Chegou o dia de São Estanislau e, ao acordá-lo pela manhã, o anjo lhe disse: Hoje, estarei acompanhando você o dia todo. Quando amanhã eu me afastar de você, começará o abandono.

No dia 14 de novembro de 1728, dia em que se celebrava o Patrocínio da Virgem, esta soberana Senhora quis fortalecer e armar seu servo para a batalha que estava tão próxima; porque, depois de ter comungado e estar dando graças, apareceu-lhe a grande rainha dos anjos e, olhando para ele com toda a benignidade de seu rosto apaziguador, disse-lhe: Para que vejas que te vou patrocinar, quis que o abandono começasse neste dia do meu Patrocínio. Chegada a tarde e estando a rezar o rosário, reconheceu que o seu anjo da guarda, cuja presença lhe era muito familiar, se afastava do seu lado.

Era o sinal do início da luta. Quatro demônios ferozes o cercaram imediatamente e lançaram em seu espírito uma tempestade de fúria, medo, ira, tédio e todos os afetos desordenados que compõem um abandono horrível...

A primeira pena foi a visão ou imaginação de Deus irado contra ele. Seu próprio anjo se apresentava enfurecido e como vingador de suas injúrias... Os demônios lhe diziam: “Agora você verá, beato santurrão, hipócrita mentiroso, o que é brincar com Deus, quando cair sob sua mão. Vá, vá fazer elogios, filósofozinho”...

Da sua presunçosa aversão ao Senhor nasceu uma tristeza e uma melancolia inexplicáveis. Os exercícios espirituais de oração, leitura, missa, comunhão, penitências, humilhações e tudo o que outrora eram para ele fontes e minas ricas em consolo celestial, passaram a ser fontes de amargura e tormento...

Parecia-lhe que os demônios lhe diziam, como se zombassem: “Onde está o seu Deus?”... e o incitavam a se jogar contra as paredes ou se atirar pela janela ou cortar os lábios e a língua com os dentes, arrancar os cabelos...

E o demônio lhe sugeria que sua condenação já estava decretada. Às vezes, ele tinha imagens obscenas contra a castidade... Ele até tinha a convicção de que os favores passados tinham sido sonhos e fantasias de sua cabeça vaidosa e ficções astutas do demônio para mantê-lo mais enganado dessa forma. Essas coisas chegaram a tal ponto que, certa vez, fora de si, ele foi rasgar o livro em que estudava e, como um louco, quebrar e pisar um crucifixo que tinha nas mãos; mas, assistido ocultamente pelo Senhor e iluminado repentinamente com uma centelha de luz em seu entendimento, parou de repente como um homem que volta a si.

Apesar do rancor furioso dos demônios, ele nunca deixou de comungar, fazendo violência extrema à sua aversão... Mas sentia uma força do inimigo que lhe apertava a garganta e até a língua para que não pudesse passar a forma consagrada. Sugeriam-lhe que a despedaçasse com os dentes, a jogasse fora da boca, a pisasse e cuspsse... Às vezes, os quatro

demônios se mostravam como cães monstruosos, com as bocas abertas, vomitando fogo e fumaça, lançando-se sobre ele para sufocá-lo e despedaçá-lo com suas garras...

Na quinta-feira santa (14 de abril de 1729), ele diz: “Vi a terra se abrir aos meus pés e parecia que me empurravam para dentro da abertura, cheia de fogo envolto em fumaça. Fiquei atordoado porque soube que era o inferno e assim me disseram os demônios, e que me jogariam nele se eu comungasse, pois estava em pecado mortal. O que sofri aqui é mais para se conceber do que para se dizer. Finalmente, decidi comungar e comunguei. Oh, mérito da obediência que, entre dois extremos, cair no inferno ou obedecer, venceu este!”

Outro dia, os demônios decidiram tirar-lhe o juízo. Foi uma batalha sangrenta, pois começou a fazer loucuras como um homem que perdeu o juízo. Ele se machucava com golpes, jogava-se no chão revirando-se nele como um furioso; e o barulho era tão assustador que, com o estrondo, seu diretor e professor de filosofia acudiram com o procurador do Colégio. Os dois não conseguiam segurá-lo para que não se machucasse, assustados com aquele acidente terrível.

O irmão procurador acreditou que fosse algum tipo de convulsão nervosa e foi buscar o enfermeiro, mas o padre recorria fervorosamente a Jesus, à Virgem e a todos os santos. E assim que mencionou Santa Teresa e Santa Maria Madalena de Pazzis, o jovem viu imediatamente suas duas advogadas vindo em seu socorro. Com sua presença, elas fizeram os tentadores infernais fugirem e Bernardo ficou calmo e tranquilo. Assim os irmãos o encontraram e o deixaram com o padre Morales, dando graças a Deus.

Nestas circunstâncias, ele entrou no quarto de um companheiro, o que era uma falta contra a Regra, e foi repreendido publicamente, estando de joelhos na sala de jantar. Naquele momento, o seu anjo da guarda e São Miguel

apareceram-lhe e acompanharam-no durante todo o tempo que durou a repreensão e o ato de beijar os pés da Comunidade.

Depois, o seu santo anjo declarou-lhe os motivos que a divina providência teve para lhe causar aquela humilhação.

Primeiro, para que, se algum de seus companheiros tivesse formado uma grande opinião sobre sua virtude, ela fosse alterada. Segundo, porque assim os favores do céu ficariam mais ocultos, pois diriam que as culpas que eram punidas publicamente não se combinavam bem com graças sobrenaturais; e terceiro, porque era a vontade de Deus naquele momento de abandono.

O desamparo terminou no dia da Páscoa do ano de 1729 (17 de abril).

Ele viu em visão intelectual seu santo anjo, que foi quem o despertou. Ele trazia uma bandeira desdobrada na mão e, com gesto vigoroso, expulsou os quatro demônios que o haviam atormentado tão ferozmente. Depois, seu protetor São Miguel se mostrou a ele e, junto com seu anjo da guarda, o parabenizou pelo esforço com que havia lutado contra seus inimigos, mas Bernardo pediu ao glorioso arcanjo que desse os parabéns em seu nome ao Senhor, à Santíssima Virgem, aos anjos e santos, pois sem o apoio e a ajuda deles teria sido impossível sair vitorioso...

À tarde, ele viu seu anjo como um jovem galante de pequena estatura, com vestes brancas, que eram um pouco avermelhadas e exalavam um brilho muito suave; o rosto era muito bonito, branco e corado, afável e sorridente; os cabelos eram loiros e dourados. Ele segurava a bandeira na mão direita com um porte majestoso: era uma bandeira pequena, feita de branco e vermelho, que espalhava muitos raios de luz; e o mastro ou cabo em que estava era de ouro fino.

5 - VISÃO DO INFERNO

Em 9 de janeiro de 1730, o Senhor mostrou-lhe o inferno.

Logo em um campo espaçoso, acompanhado por Sua Majestade, que lhe entregou ali o seu anjo da guarda para guiá-lo. Então o anjo lhe disse: “Venha, e eu lhe mostrarei esta grande visão”.

Comecei a segui-lo, quando de repente a terra abriu uma boca por onde entrou meu anjo, e eu o segui para ver essa grande visão dos infelizes sobre os quais se exerce a fúria do braço onipotente da justiça divina.

A poucos passos, vi sair pela mesma abertura da terra por onde ele havia entrado uma multidão de demônios que, tendo lançado nas chamas infernais as muitas almas que haviam ganho na mortandade numerosa da epidemia passada, voltavam ao mundo para lançar suas redes para prender e precipitar no abismo outros miseráveis.

Já tínhamos caminhado cerca de vinte passos, quando meu anjo me disse: “Vá e escreva”; e imediatamente, saindo daquela espécie de beco por onde havíamos entrado, vi uma imensa caverna de fogo, envolta em fumaça tão espessa que negava até mesmo a luz em que ardia.

Olhei para aquela imensidão de fogo, mas não conseguia ver o fim, nem distinguir até onde chegava sua largura. Precisava muito da presença do anjo para me animar, pois só essa primeira visão era capaz de tirar minha vida.

Percebi ao mesmo tempo um fedor intolerável, um barulho assustador, gritos descompassados e uivos como de cães raivosos. Vi também que, impulsionados pela fúria e pela raiva, alguns condenados saltavam do fogo e eram precipitados pelos

demônios, como uma grande pedra, para o centro, para a voracidade das chamas.

O anjo então se voltou para mim e me disse: “Preste mais atenção”; e então reparei mais particularmente como os pecadores desonestos eram castigados.

Vi uma lagoa gelada ao lado de um globo de fogo abrasador; e que os ministros infernais já jogavam no fogo aqueles infelizes e, quando estavam mais raivosos, os mergulhavam com grande ímpeto na água gelada para que, passando de um extremo ao outro, seu tormento fosse maior; já com lanças de fogo, com espadas e outros instrumentos espantosos, perfuravam de parte a parte os miseráveis; já lhes cortavam as cabeças que, para que sofressem mais, voltavam a se unir; já desfaziam seus corpos abrasados com pentes de fogo; já despedaçavam seus membros com rodas de lâminas muito afiadas.

Com essas e outras invenções igualmente horríveis eram atormentadas aquelas fúrias malditas que, destruídas pelo desespero eterno, mordiam os instrumentos de seu castigo e, vomitando mil maldições, eram os mais cruéis algozes de si mesmas, ferindo-se com as unhas e os dentes.

Assim, assim eram recompensados pelos prazeres com que se recreavam em suas desonestidades: o fogo da concupiscência se havia convertido naquele incêndio que lhes queimava as entranhas; e as camas luxuosas, em água gelada na qual sofriam um frio tão intenso que lhes deslocava os ossos.

Vi então outra separação onde os avaros sofriam. Estavam com a boca aberta para poder respirar um pouco de ar, e mesmo isso lhes faltava: símbolo e castigo do que fizeram enquanto viveram, pretendendo atrair com sua avareza o próprio ar.

Queriam respirar para aliviar o fogo que os consumia, mas não conseguiam nem esse alívio: além disso, estavam tão apertados que nem sequer podiam se mexer, enquanto os demônios os maltratavam com tormentos cruéis.

Ao lado deles, aqueles que haviam pecado jurando e blasfemando contra a bondade de Deus, lançavam serpentes de suas bocas repugnantes, que se enrolavam neles e os despedaçavam; e os demônios os feriam na boca, cortando-lhes a língua, quebrando-lhes os dentes, enfiando-lhes barras de ferro em brasa pela garganta, enchendo-lhes os ossos com chumbo derretido, e com outros artifícios diabólicos que lhes causavam dores terríveis. Então, os inimigos neste mundo continuavam seu ódio com uma rancor insaciável, e estando tão próximos de seus inimigos como os tijolos no forno, eles se despedaçavam entre si com fúria e raiva, ao se verem tão próximos e como absorvidos uns nos outros. Vi também vários outros tipos de tormentos com os quais outros pecados eram punidos, que seria longo referir um por um.

Eu seguia meu anjo por um caminho estreito e chegamos a outra separação, onde encontrei muitos demônios que, com grande algazarra, atormentavam uma grande personalidade bem conhecida no mundo, embora eu não entendesse quem era, mas sim que a causa de sua condenação tinha sido sua impiedade para com os pobres.

Vi um bigorna de fogo sobre a qual os demônios estenderam esse miserável e, com vários instrumentos, desmembraram seu corpo em pequenas partes com golpes violentos; e, para maior pena sua, depois de o terem feito em pedaços, estes voltavam a se unir, e os demônios continuavam a executar nele sua raiva, e ele, com chamas de fúria, amaldiçoava e execrava a si mesmo, suas riquezas e prazeres; e os ministros diabólicos zombavam dele, perguntando-lhe do que se queixava, que se não era aquela boa cama, que visse como cuidavam do seu alívio, preparando-lhe, em vez das

conveniências que tivera no mundo, aquelas com as quais agora o presenteavam.

Horrorizado com o que via, atordoado com as blasfêmias que ouvia contra Deus e sua Santíssima Mãe, atônito com os monstros que se representavam diante de mim, e fora de mim com tantos gritos e berros, olhei para frente e nada distingui, até que, tendo caminhado um grande espaço às cegas, meu anjo me disse: “Venha e veja, e escreva o que vir”.

Então, o caminho por onde íamos se abriu, e me encontrei em outro abismo inferior, ainda mais horrível que o anterior: ali estavam os padres maus e indignos que tiveram a ousadia de receber sacrilegamente em suas mãos e em seus corações o Filho da Virgem.

Os miseráveis sofriam tais penas que todas as que eu mencionei não são nada em comparação. Eram atormentados principalmente nas partes em que tinham recebido a hóstia consagrada: as mãos se desfaziam de dor e estavam transformadas em carvão em brasa; as línguas estavam despedaçadas e pendiam da boca, em sinal de seus sacrilégios; todo o interior, especialmente o coração, ardia em fogo, explodindo com dores terríveis.

Aqui vi que, entre os outros, se erguia como uma cobra quando salta, um mau padre que eu conhecia e que morrera repentinamente, que fora muito escandaloso. Ele me olhou com grande raiva, como um basilisco feroz, mas logo caiu no mais profundo do fogo.

Desse seio, o anjo me levou para um terceiro, onde as penas e tormentos eram maiores. Nele estavam aqueles que, tendo sido mais visitados por Deus com suas inspirações e ajudas, os desprezaram, ingratos e desagradecidos, pisando no sangue de Jesus Cristo: estes sofriam muito mais por sua própria consciência e memória de que poderiam ter aproveitado as inspirações...

Não há palavras para explicar a dor do dano (de não ver e amar a Deus). Este é o maior e mais horrível tormento, estar privado por toda a eternidade de ver Deus: todos os tormentos dos condenados, mil vezes duplicados, sofreria de bom grado eternamente, se fosse compatível com vê-Lo. O meu coração se parte e o meu corpo estremece com esta consideração. Não digo mais nada sobre essa dor, porque a vontade do Senhor é que eu não fale agora sobre o dano.

6 - PENITÊNCIA

Bernardo rezava muito e fazia penitência pela salvação dos pecadores. Às sextas-feiras, abstinha-se de todo tipo de bebida. Nas mortificações das pequenas coisas, era muito rigoroso, fervoroso e constante. Muitas vezes, ultrapassava as 150 mortificações por dia e, sempre que se sentava em algum banco ou cadeira, nunca se encostava no encosto.

O padre Loyola anota: *Sobre sua penitência exterior, direi apenas que, imitando Berchmans, ele salpicava com seu sangue inocente as paredes de seu quarto e que foi necessário repreendê-lo pelos excessos e até mesmo tirar-lhe por algum tempo os instrumentos de seus rigores, em penitência pela indiscrição com que agia.*

8 - DESPOSÓRIO COM JESUS

O desposório da alma de Bernardo com Jesus foi um elevado estado de união espiritual da alma com o Verbo. Jesus preparou sua alma com antecedência. O dia 29 de junho de 1729 (festa de São Pedro e São Paulo) foi o dia da renovação de seus votos. *Ele viu o sacrossanto Coração de Jesus de uma forma muito bela, do qual saíam três cordões como fios de ouro finíssimo. A uma curta distância, elas se entrelaçavam de maneira maravilhosa e formavam um único cordão. Em seguida, elas se desprendiam novamente, como quando saíram do Coração de Jesus, e prendiam fortemente o coração de*

Bernardo, ficando os dois corações unidos por um laço de amor. O Senhor lhe disse: “Bernardo, este sacrifício dos três votos me faz desejar você como esposa. Mas saiba que, antes de se casar comigo, você passará por uma dura guerra. Aproveite agora para sofrer depois”. No dia 12 de julho, ela renovou os votos em particular e, ao pronunciar a fórmula, de repente viu Jesus passando e lhe dizendo: “Você será minha esposa”.

Um ano e meio depois de Jesus ter anunciado que celebraria as núpcias com Bernardo, em 5 de agosto de 1730, ele apareceu novamente e anunciou que as núpcias seriam em 15 de agosto, festa da Assunção da Virgem Maria.

Ele nos diz: Naquele dia, depois de comungar, ouvi os anjos cantarem: “O esposo está chegando, saiam para recebê-lo”. Minha alma se recolheu e, por uma visão imaginária, vi que me vestiam com uma roupa branca, bordada com belas pedras preciosas, símbolo da pureza, que é a vestimenta nupcial e das outras virtudes. Não vi quem me vestia, mas imediatamente me foram mostrados São Miguel, Santa Teresa, nosso pai Santo Inácio e São Francisco de Sales de um lado; e do outro, o santo anjo da guarda, Santa Maria Madalena de Pazzis, o venerável padre Padial e São Francisco Xavier... Havia três tronos, um vazio, outro ocupado pela Santíssima Maria e outro ocupado por Cristo.

E com visão intelectual eu contemplava toda a Santíssima Trindade (presente)... Vestida com as roupas mencionadas, cheguei aos degraus do trono de Jesus, a quem Maria Santíssima me apresentou.

Dei um beijo muito suave nas sagradas chagas de seus pés; e então ele me perguntou se eu queria ser sua esposa, pois ele queria ser meu esposo. Aniquilada a alma em seu nada e em seu amor, respondi o que não sei: mas resumiu-se em: “Eis aqui a escrava do Senhor”, etc. Então, levantando-se do trono, ele me ergueu até o último degrau e, tomando minha mão direita

com sua mão divina, me disse: “Eu, em nome da minha Divindade e Humanidade, te desposo, ó alma querida, eternamente em casamento de amor, como sumo sacerdote, com minha natureza divina e humana. Sente-te agora no trono das minhas esposas e desfruta do que possuirás eternamente.

Sentei-me no trono que estava vazio, com o Senhor ainda segurando minha mão direita, na qual colocou um anel de ouro com uma pedra brilhante, que não sei o que era, e me disse:

Que este anel seja a prova do nosso amor; já és minha, e eu sou teu: agora podes dizer e assinar BERNARDO DE JESUS como teu irmão Agostinho; tu és BERNARDO DE JESUS e eu sou JESUS DE BERNARDO: minha honra é tua; e a tua, minha: vê agora minha glória como a de teu esposo, pois eu verei a tua como a de minha esposa. Tudo o que é meu é seu, e tudo o que é seu é meu: o que eu sou por natureza, você participa por graça: você e eu somos uma mesma coisa. Entreguei o anel que tinha no dedo médio à Santíssima Maria como depositária dessa joia. Depois, pedi aos santos que me concedessem as graças. E para confirmar o casamento, a Santíssima Trindade me abençoou, cada uma das divinas pessoas proferindo palavras de amor inefável.

O dia de São Bernardo refere: Vi o divino esposo da minha alma na forma de um belíssimo jovem que, falando à minha alma, dizia: “Vem, minha amada, minha esposa, minha pomba, vem e reclina-te sobre o meu coração” .

Em 26 de novembro de 1730 (festa na Espanha do noivado de Maria), ela viu a Virgem Maria trazendo o anel de noivado de Bernardo em sua mão e, aproximando-se do jovem afortunado, colocou-o em seu dedo.

Ao mesmo tempo, como se houvesse um acordo entre o Senhor e sua bendita Mãe, o divino amante o deixou e renovou o casamento com afetos e ternuras que nem mesmo aquele que os sentiu sabe explicar. No dia da Assunção, 15 de agosto de

1731, viu o celestial esposo se aproximar, acompanhado de sua bendita mãe.

Ela trazia em suas mãos augustas o anel de noivado de que já falamos. A Virgem o deu a seu Filho e Jesus o colocou no dedo de Bernardo com amor inefável, renovando novamente o noivado do ano anterior. Então, a um sinal de Sua Majestade, ele o tirou do dedo e o depositou novamente nas mãos da Virgem para que ela o guardasse.

8 - O ESPÍRITO SANTO

No dia de Pentecostes, 29 de maio de 1729, ao comungar, ouviu uma música doce e harmoniosa dos anjos entoando o “Veni Sancte Spiritus”; e, *instantaneamente, uma pomba branca apareceu sobre sua cabeça, emitindo raios de luz resplandecentes que inundavam o jovem feliz, ao mesmo tempo em que uma voz ressoava no alto, dizendo: “Este é o meu servo amado, em quem me comprazo”. Então, a pomba celestial se transformou em um globo brilhante de luz e chamas, que começou a descer suavemente e se introduziu no coração de Bernardo, quando a sagrada forma entrava em seu peito. “Minha mão treme”, exclama o jovem, “ao escrever isto, lágrimas saltam dos meus olhos, e a consciência da minha insignificância me oprime, embora o amor eleve o coração. Oh, se todo o meu corpo se transformasse em pequenos pedaços, e cada um deles em mil línguas de serafins, para ponderar e exaltar a bondade divina, e juntamente minha maldade, ingratidão e indignidade!”.*

9 - O CORAÇÃO DE JESUS

Bernardo foi o primeiro apóstolo da devoção ao Coração de Jesus na Espanha. Jesus se apresentava a ele com o Coração ardendo em chamas de amor, assim como a Santa Margarida Maria Alacoque ou a São Cláudio da Colombière, os dois grandes apóstolos dessa devoção na França e na Inglaterra. São Cláudio morreu em 1682 e Santa Margarida Maria Alacoque

em 1690, enquanto Bernardo morreu em 1735. Neste intervalo de tempo entre os dois santos anteriores e Bernardo, a devoção ao Sagrado Coração não havia entrado na Espanha. Ele foi escolhido por Deus para esta grande missão.

Sobre a devoção ao Coração de Jesus, ela nos diz: Um dia, depois de ter comungado, tendo meu senhor Jesus sacramentado em meu peito, meus sentidos e faculdades começaram a se recolher. Nesse momento, me foi mostrado o Sagrado Coração de Jesus todo em chamas, lançando labaredas e emanando pela ferida um vulcão de amor transformado em raios claríssimos de luz. Minha alma ficou absorta e muito mais ainda quando o próprio Jesus a convidou a entrar em seu Coração, pois, amedrontada por sua baixeza e por aquela infinita grandeza e imensa quantidade de chamas, ela se encolhia e mergulhava em seu nada.

Mas, sem saber como, encontrou-se dentro daquele Coração divino de uma forma tão sobrenatural, imperceptível e soberana, que não se pode pensar em explicá-la com as expressões grosseiras da nossa língua. Bernardo escreve: O que o Coração divino faz comigo é indizível e inexplicável: assalta-me com o seu amor e deixa-me absorta num incêndio abrasador de fogo seráfico.

No domingo em especial (que foi 25 de outubro), ao recebê-lo sacramentado, ele me deu um sentimento interior tão vivo de que eu tinha em mim aquele que é o centro dos meus anseios, que pensei explodir com a força da veemência do amor e da inundação suavíssima de alegria; e, se em tempo de graças meu coração não se dilatasse, apertado em ardores e chamas de amor, eu teria morrido sem dúvida. O peito se aliviou, irrompendo em gemidos íntimos com os quais, em vozes da alma, convocava todas as criaturas a amar o Coração amorosíssimo do meu Jesus; e com uma veemência mais do que humana clamava com Santo Agostinho: “Corram, justos;

corram, pecadores; corram, povos: corram todos e venham ao Coração de Jesus”.

Aqui ouvi interiormente uma voz muito suave que me disse agora o que outrora disse àquela grande serva do Senhor (Santa Margarida Maria), que se refere no livro “Cultu Cordis”: “Pedeme o que quiseres pelo Coração Santíssimo do meu Filho, e eu te ouvirei e concederei o que me pedires”; e, sem liberdade, pedi a extensão do reino do mesmo Sagrado Coração na Espanha, e compreendi que me era concedido; e com a dulcíssima alegria que essa notícia me causou, a alma ficou como sepultada no Coração divino, naquele passo que chamam de “sepultura”. Muitas vezes senti esses assaltos de amor nestes dias, dilatando-se tanto em desejos o meu pobre coração, que pensa em estender até ao novo mundo o amor do seu amado Coração, e todo o universo lhe parece pouco.

Um dia, quando se preparava para a novena da festa do Coração de Jesus, o Senhor lhe disse, assim como a Santa Teresa e Santa Catarina de Siena: “Cuide da minha honra e das minhas coisas, e meu Coração cuidará de você e das suas”.

No dia da renovação de seus votos, ela teve uma visão intelectual de São Pedro e São Paulo. Conversou longamente com eles sobre as coisas do Sagrado Coração, e São Pedro lhe assegurou que um de seus sucessores estabelecerá a festa do Coração de Jesus em toda a Igreja.

10 - LIVROS SOBRE O CORAÇÃO DE JESUS

Em 3 de maio de 1733, ele tirou da livraria o livro do padre Gallifet, “De cultu cordis Jesu”, e diz: Eu, que nunca tinha ouvido tal coisa, comecei a ler a origem do culto do Coração de Jesus e senti em meu espírito um movimento extraordinário, forte, suave e nada arrebatado, do Senhor sacramentado a oferecer-me o seu Coração para cooperar o quanto pudesse, pelo menos com orações, na extensão do seu culto. Adorando ao Senhor na hostia consagrada na manhã seguinte, Ele me disse clara e

distintamente que queria, por meu intermédio, difundir o culto do seu Sagrado Coração para comunicar a muitos os seus dons por meio do seu Coração adorado e reverenciado...

Ele me mostrou o seu Coração todo ardente de amor e compadecido pelo pouco que é estimado. Ele repetiu a escolha que havia feito deste seu servo indigno para promover seu culto e acalmou aquela pequena perturbação, dando-me a entender que eu deixasse agir sua providência, que ela me guiaria..., que seria de seu singular agrado que esta província de sua Companhia (de Castela) tivesse o Ofício e celebrasse a festa de seu Coração como se celebra em tantas partes

11 - SACERDOTE PARA SEMPRE

Em outubro de 1734, ao iniciar o quarto ano de teologia, os Superiores pediram a Bernardo que se preparasse para receber as Ordens sagradas e solicitaram à Santa Sé uma dispensa de idade. A dispensa de idade chegou em 7 de novembro de 1734. E assim ele recebeu o subdiaconato em 18 de dezembro de 1734; o diaconato em 31 de dezembro de 1734 e o sacerdócio em 2 de janeiro de 1735. Recebeu essas ordenações na capela da casa do bispo de Valladolid, Fernando Domínguez de Toledo, junto com outros dois jovens jesuítas. Em 27 de dezembro, festa de São João Evangelista, este santo lhe apareceu junto com São Francisco de Sales e prometeram ser seus padrinhos de sacerdócio.

Finalmente chegou o tão esperado dia 2 de janeiro de 1735, em que ele seria ordenado sacerdote.

Pela manhã, foi acordado por seu anjo. Ele diz: Ao ir para o palácio do bispo, fui tomado por um tremor mais do que normal, nascido da clareza com que, na oração, se apresentou diante de mim, por um lado, a altíssima dignidade do sacerdócio e, por outro, minha quase infinita indignidade. Atordado por esse sentimento vivo, sem ousar receber essa ordenação, recorri ao Sagrado Coração para que, com suas riquezas,

vestisse minha alma para que não parecesse tão abalada, mas não me acalmei até que, prostrado diante do meu padre Reitor, ouvi que ele me ordenava expressamente que fosse receber o sacerdócio por obediência; e aí houve uma grande tranquilidade e todos os sentimentos de medo se transformaram em amor.

Ao ir no carro, imaginei que, como ele me levava sem tocar visivelmente a terra, assim, nas mãos da obediência e da providência divina, eu era conduzido invisivelmente, sem afeto pela terra, o que me consolou, e nessa consideração fiquei entretido, convidando interiormente os santos meus devotos, particularmente São João Evangelista e meu santo diretor São Francisco de Sales, como padrinhos para que assistissem e favorecessem com suas orações um dos maiores atos que eu teria que realizar na minha vida. Experimentei sua assistência porque, estando prostrados enquanto invocavam a corte celestial com as letanias, vi como os dois estavam presentes com nosso santo Padre, São Francisco Xavier e as santas minhas devotas, a quem eu havia confiado.

Ao receber a autoridade sacerdotal, senti, porque foi mais um toque espiritual do que uma visão, a mudança que se operava em minha alma, vendo-a embelezada com o caráter, que reconheci e compreendi o que era em si, melhor do que havia concebido com as luzes especulativas da teologia. Mas, acima de tudo, ao pronunciar o bispo aquelas palavras: “Accipe Spiritum Sanctum”, enchi-me de um temor sagrado, percebendo interiormente a companhia de tão divino hóspede nas novas graças e dons especiais que, como pela visão dos olhos, me eram comunicados.

O Senhor também me declarou, neste ponto, como este sacramento tinha tido a sua origem na fonte puríssima do seu Sagrado Coração, do qual me eram comunicados os tesouros do seu precioso sangue; e isso eu compreendi com uma doce visão, na qual vi como este Coração divino infundia em minha alma o significado das palavras do bispo, em um raio de luz,

embora não fosse luz nem raio, mas outra coisa especial, para cujo significado não encontro termo adequado.

Na comunhão, os dois amantes (ou seja, o Senhor e o próprio padre Bernardo) se abraçaram. Minha alma desabafou um pouco do sagrado espanto e admiração por mistérios tão soberanos como os que eu mesmo experimentava. O que aconteceu nesse breve momento entre minha alma e Deus não pode ser explicado com palavras; mesmo fisicamente, parecia-me ter me transformado em outro homem e sentia uma certa reverência por mim mesmo.

Foi necessário ficar com o bispo algum tempo depois de terminada a ordenação, quando eu teria preferido ficar mais tempo a sós com meu Deus; mas, embora conversando com os homens, eu estava muito distante de todas as coisas humanas, como absorto e enterrado em mim mesmo. O mesmo experimentei nos dias seguintes, entre a agitação do Natal até o dia da minha primeira missa, que foi o dia de Reis.

12 - PRIMEIRA MISSA

Chegado o dia de Reis, 6 de janeiro, que foi o dia de sua primeira missa, o novo sacerdote recebeu tantos favores que nem mesmo ele consegue descrevê-los. Começaram pela renovação dos votos, que ocorreu na mesma festa; e acompanhou-os uma circunstância que não deixa de ser misteriosa, na opinião do Padre Loyola, que a relata nestes termos:

“Por motivos secretos e admiráveis que não sei explicar, Bernardo celebrou seu primeiro sacrifício no Colégio de nosso Padre Santo Inácio de Valladolid, sendo membro do Colégio de Santo Ambrósio: uma singularidade que deve ter ocorrido poucas vezes, se é que ocorreu alguma, o que desconheço, porque nossos padres sempre celebram sua primeira missa no colégio em que residem. A coincidência visível e natural foi esta. Já era reitor do Colégio de nosso Padre Santo Inácio o Padre

Manuel de Prado, que acabara de ser provincial de nossa província de Castela. Como este padre estimava e amava tanto Bernardo, e lhe havia solicitado a dispensa de idade para ser ordenado, e conhecia intimamente seu espírito pelas muitas vezes que nosso jovem lhe havia manifestado todos os segredos de sua consciência, quis ter o consolo de ser seu padrinho na primeira missa. O Reitor de Santo Ambrósio concordou de bom grado em dar esse consolo especial ao Reitor de Santo Inácio e enviou seu subordinado para que, com sua assistência, celebrasse o novo sacerdote.

13 - MINISTÉRIO SACERDOTAL

O padre Bernardo não desfrutou do seu sacerdócio nem mesmo por um ano.

Foi ordenado em 12 de janeiro e faleceu em 29 de novembro do mesmo ano.

No entanto, ele nos dá algumas lições sobre como viver o sacerdócio. Ele se preparava para celebrar a Santa Missa com pelo menos um quarto de hora de oração e, depois de celebrá-la, agradecia por pelo menos mais um quarto de hora.

Ele recomendava que, quando não fosse possível comungar, se fizesse comunhões espirituais. Ele mesmo fazia isso quando era seminarista. Em setembro de 1730, junto com outros companheiros, ele teve uma febre terciana dupla que durou dez dias, mas duas ou três semanas depois teve outra que durou até o final de novembro.

Alguns dias, por estar de cama com febre, proibiram-no de comungar e ele fazia comunhões espirituais. No dia de São Estanislau de Kostka, como não pôde comungar sacramentalmente, comungou espiritualmente, e este santo apareceu-lhe na companhia de São Luís Gonzaga e imprimiu em sua alma uma grande estima pela comunhão espiritual.

Quanto à confissão, ele confiava seus penitentes aos seus anjos da guarda para que os preparassem antes de se confessarem com ele. Ele nos diz: *Ao administrar o sacramento da penitência (confissão), sinto um grande consolo por distribuir às almas o sangue do Sagrado Coração...*

Na noite anterior, imploro a assistência divina e a do meu anjo, que envio para convidar os penitentes; o mesmo na oração da manhã e até mesmo em cada confissão, de acordo com os afetos que o Senhor me inspira

14 - A MISSA

A missa é a ação mais sublime e eficaz que pode ser realizada na terra. O Cura d'Ars dizia: Todas as boas obras reunidas não equivalem a uma missa, porque são obra dos homens e a missa é obra de Deus. Para celebrar bem a santa missa, seria necessário ser um serafim.

Bem, nosso pai Bernardo celebrava a missa com tanta devoção que os anjos o assistiam felizes. Ele nos diz:

É na missa que encontro toda a minha alegria, todo o meu consolo e alívio em meio a todas as maiores aflições; nela recebo sentimentos altíssimos da Majestade daquele Senhor, cuja presença sinto tão palpavelmente, que fico imutável, como de costume, desde a consagração. No momento da consumação, são especiais os raios de luz com que se ilumina a minha fé e os ardores soberanos em que se inflama a alma, que se compreende ali com o Coração do seu Deus. Até aqui tinha grande confiança nas minhas orações e súplicas, apoiando-me na intercessão do Coração de Jesus; agora não duvido de conseguir tudo o que peço, se for para maior glória de Deus. Parece-me que no altar o Pai eterno não pode me negar nada; porque me revisto de uma santa animosidade magnânima, confiando no que ofereço, e encontro-me com sentimentos semelhantes aos que o V. P. La Colombière tinha sobre a grandeza deste grande sacrifício. Aqui fico eu como triunfante;

porque me parece que não só pago por mim e por todo o mundo, mas que o Pai eterno fica em dívida comigo. Às vezes, em confirmação do fundamento dessa minha santa presunção, na mesma missa uma voz do Pai eterno me declarou a satisfação que tem em seu Filho e em seu Coração, e como essa satisfação pode me dar ousadia, mesmo diante dos meus pecados e ingratidões, para presumir tudo o que posso pensar; pois tudo se funde nos méritos de Jesus, de quem sou ministro e cujas vezes faço.

15 - JESUS EUCARISTIA

Jesus, presente no Santíssimo Sacramento, era o centro de sua vida. Quantas horas ela passava diante de Jesus Eucaristia! Ela nunca se cansava de estar ao seu lado, pois sentia a presença e o amor de Jesus com tanta força que nada nem ninguém podia fazê-la duvidar de sua presença real.

Além disso, Jesus aparecia-lhe frequentemente na Eucaristia e, no momento da comunhão, sentia as delícias do céu. Esse era o momento central da sua existência e quando mais sentia a presença de Jesus. Sobre o seu amor a Jesus Eucaristia, escreve: Neste dia passado da festa do Corpus, renovou-se no meu peito com novos crescimentos o amor ao divino Amor sacramentado. E me parece que é o único alívio para quem deseja ansiosamente ver-se com seu Deus na glória. No momento de dar graças após a comunhão, experimentei em mim mesmo o que o Senhor me disse há muito tempo, ou seja, que nós, mortais, não temos momento mais feliz do que aquele em que temos Deus dentro de nós; daí nasce em meu espírito o olhar para as comunhões como vislumbres da glória. Parece haver entre este divino sacramento e meu coração uma simpatia celestial com a qual, como por instinto natural, se deixa sentir sua presença. Não é apreensão, mas experiência; pois ao ir visitá-lo, mesmo quando estou distraído, sinto em meu coração algo que me lembra o Amado. Sinto nas vésperas da comunhão

um impulso celestial que previne o coração com delícias e consolações, ca

E me parece que é o único alívio para quem deseja ansiosamente ver-se com seu Deus na glória. No momento de dar graças após a comunhão, experimentei em mim mesmo o que o Senhor me disse há muito tempo, ou seja, que nós, mortais, não temos momento mais feliz do que aquele em que temos Deus dentro de nós; daí nasce em meu espírito o olhar para as comunhões como vislumbres da glória. Parece haver entre este divino sacramento e meu coração uma simpatia celestial com a qual, como por instinto natural, se deixa sentir sua presença. Não é apreensão, mas experiência; pois, ao ir visitá-lo, mesmo quando estou distraído, sinto em meu coração algo que me lembra o Amado. Sinto nas vésperas da comunhão um impulso celestial que antecipa ao coração delícias e consolações, causando-me fastínio por todos os outros manjares da terra. É nas comunhões que tenho minha bem-aventurança na terra, que acredito não ser diferente da do céu, exceto na visão e na clareza. Este é o teatro dos favores divinos; aqui minha alma recebe novos ânimos, novas forças, novos e maiores dons.

Estando prestes a comungar no dia de São Bernardo (20 de agosto de 1728), teve outra visão do Senhor com o Santíssimo Sacramento, que se repetia quase todos os dias de comunhão. “Vi Sua Majestade muito claramente e reparei que toda a capela do noviciado estava cheia de anjos em grande número, que adoravam o Senhor dos anjos e dos homens. Fiquei espantado com tanta glória e, quanto mais me aproximava do padre na hora da comunhão, mais crescia o temor reverente que havia em minha alma”.

16 - AMOR A MARÍA

O amor à Virgem Maria era extraordinário, tal como em todos os santos. Ele consagrou-se a ela para sempre. Era como

dizer-lhe com toda a sua alma, vida e coração: *Sou todo teu, minha rainha, minha mãe, e tudo o que tenho é teu.*

Quando era noviço, consagrou-se a ela como escravo e, como sinal de sua servidão, usava sempre ao pescoço uma corrente de arame, mas no ano de 1729, estando em Medina del Campo, consagrou-se a Maria como filho e, para isso, escreveu a seguinte carta de filiação:

Para maior glória de Deus e de sua Santíssima Mãe. Que todos os que lerem esta carta de doação saibam que eu, Bernardo Francisco de Hoyos, da Companhia de Jesus, me entrego livremente a Maria Santíssima, Nossa Senhora, não só como escravo, mas também como filho, movido pelo amor desta divina Senhora e pelo desejo de experimentar os efeitos de sua maternidade para comigo. E assim, por esta razão, não só me vendo como seu escravo, mas, indo além, a partir de hoje entrego-me em suas divinas mãos, a mim, à minha alma, ao meu coração e às minhas faculdades, para que, daqui em diante, seja guiado por sua especial providência como um filho pequeno de sua amorosa mãe. E, juntamente com esta carta, renuncio ao meu livre arbítrio, entregando-o à Santíssima Maria, e desejando que ela não me permita usá-lo, a não ser que seja do seu maior agrado: e, da minha parte, comprometo-me e prometo mostrar-me, na medida do possível, apesar da minha fraqueza, verdadeiro filho de tão soberana mãe, executando, não só o que é obrigatório, mas tudo o que é super-rogação, e que eu julgar ser do serviço da minha dulcíssima Mãe Maria Santíssima, a quem peço que me veja a partir de hoje como seu verdadeiro filho e me assista com a sua graça para corresponder à obrigação que este estado de filho dela me impõe.

E porque me considero indigno de tão singular favor, imploro sua bondade e misericórdia, e a intercessão de seu santíssimo esposo São José, e a de todos os santos e bem-aventurados meus devotos, e demais habitantes da glória. E porque assim o desejo e quero, renovarei esta carta em todas

as festividades de nosso Senhor Jesus Cristo, de sua santíssima Mãe e dos santos de minha devoção. E porque tudo isto é minha vontade, assino-a, desejando assiná-la com o sangue mais puro do meu coração. Medina e dezembro, hoje dia da Imaculada Conceição da minha dulcíssima Mãe, de 1729. Escravo indigno e filho da minha dulcíssima Mãe Maria Santíssima. Bernardo Francisco de Hoyos.

17 - A COMUNHÃO DOS SANTOS

Bernardo teve a graça de viver plenamente a comunhão dos santos e dos anjos. Deus concedeu-lhe a graça de vê-los com seus próprios olhos e falar com eles como amigos íntimos. Sua comunicação com eles era normal e simples, como entre amigos. Vejamos alguns dos santos mais amigos e próximos, que o ajudavam mais constantemente.

Ele relata: No dia do nosso pequeno São Estanislau, passei um bom momento, porque meus dois amigos vieram: São Luís e São Estanislau. E, embora a visita tenha sido muito breve, fiquei muito feliz o dia todo e até mesmo durante toda a semana. Não é fácil expressar o consolo que tive com esses meus dois irmãos. Eles se aproximavam de mim com mais carinho à medida que eu me retraía de lidar com eles, não só por minha falta de virtude, mas também pela diversidade de condições; mas eles pareciam depor a majestade dos bem-aventurados na afabilidade e humanidade com que me falavam.

18 - O ANJO DA GUARDA

Na vida do beato Bernardo, seu anjo da guarda aparecia constantemente para acordá-lo pela manhã, acompanhá-lo na comunhão e ajudá-lo em suas diferentes tarefas diárias. Era como um amigo que estava sempre ao seu lado para ajudá-lo, consolá-lo ou defendê-lo. No dia em que foi ordenado sacerdote, seu anjo, que sempre esteve à sua direita, colocou-se à sua

esquerda, como reconhecendo sua maior dignidade de sacerdote.

É claro que na vida de São Bernardo aparecem outras vezes muitos anjos: os de seus companheiros em alguma ocasião, os que acompanhavam a Virgem Maria em suas aparições ou muitos outros adorando Jesus Eucaristia.

Afirma seu diretor espiritual, o padre Juan de Loyola: Quase nunca se aproximava para receber o Santíssimo Sacramento sem desfrutar da visão de seu anjo da guarda, que lhe estendia um pano muito rico para que comungasse com mais terno e fervoroso afeto, ou lhe dava a provar em um cálice misterioso um néctar de inefável doçura, ou o carregava nos braços após a comunhão, quando o jovem mal conseguia dar um passo, absorto e imerso nas delícias de seu amor sacramentado

E Bernardo dizia de seu anjo: Não consigo sequer expressar os efeitos que essa visão do anjo causa em minha alma, que certamente são grandes; especialmente o andar tão em Deus entre as coisas exteriores como se estivesse muito recolhido em oração. Causa-me grande consolo interior sentir que ele me ouve quando falo com ele e que representa o Senhor por mim em tudo o que lhe digo. Trato-o tão familiarmente como se fosse um amigo especial meu e sinto que ele me trata e se mostra a mim da mesma maneira.

19 - CARISMAS

Bernardo recebeu de Deus muitos dons sobrenaturais, como o dom da profecia, da cura dos enfermos, das visões sobrenaturais, etc. Em certa ocasião, ele foi levado a ver o céu e o inferno e frequentemente tinha incêndios ou impulsos de amor que o deixavam, especialmente após a comunhão, imóvel e em êxtase, de modo que seu anjo da guarda precisava levá-lo para a capela do segundo andar para que seus companheiros não percebessem nada.

Às vezes, os impulsos de amor eram tão intensos que, não conseguindo conter o vulcão lá dentro, ele explodia para fora, deixando dolorida e com bolhas toda a parte do peito correspondente ao coração.

20 - A COMPANHIA E A VISITAÇÃO

Santa Margarida Maria Alacoque, apóstola da devoção ao Coração de Jesus, escreveu: “Jesus Cristo me revelou, de forma que não deixa margem para dúvidas, que, principalmente por meio dos padres da Companhia, Ele queria estabelecer em todos os lugares esta sólida devoção e formar com ela um número infinito de servos fiéis, amigos perfeitos e filhos verdadeiramente gratos.

Direi que os padres jesuítas levaram muito a sério esta devoção ao Coração de Jesus e a estabeleceram em seus colégios.

21 - SUA MORTE

Depois de ser ordenado sacerdote em 2 de janeiro de 1735, nesse mesmo ano concluiu seus estudos de teologia e foi enviado do Colégio de Santo Ambrósio para o Colégio de Santo Inácio, na mesma cidade de Valladolid, para cumprir seu terceiro ano de prova, que começou em setembro daquele ano. O padre Diego de Tovar foi seu mestre instrutor para esta terceira prova. Depois de terminar os Exercícios Espirituais, o servo de Deus sentiu-se mal em 18 de novembro com febre tifóide, comumente chamada de tabardillo.

Alguém lhe perguntou se ele desejava morrer e ele respondeu: “Só desejo o que o Coração de Jesus quiser”. Sua doença durou apenas 14 dias, pois, depois de receber a comunhão e a unção dos enfermos, ele faleceu em 29 de novembro de 1735, aos 24 anos de idade. Uma vida curta, mas cheia de Deus. Uma vida jovem que Deus quis cortar como uma flor em plena beleza.

Supõe-se que ele tenha sido enterrado, como era costume na época, na igreja dos jesuítas, em frente ao presbitério; mas, quando os jesuítas foram expulsos da Espanha e de seus domínios em 1767, perdeu-se o rastro e nunca se encontrou seu túmulo.

Atualmente, o beato Bernardo de Hoyos continua intercedendo por seus devotos desde o céu e especialmente desde o santuário nacional da Grande Promessa de Valladolid, construído sobre a capela do Colégio de Santo Ambrósio, que os jesuítas tinham naquela cidade e onde ocorreram as revelações do Coração de Jesus. Jesus lhe disse: “Reinarei na Espanha e com mais veneração do que em outros lugares”. Da mesma forma, em 25 de setembro de 1733, ele ouviu outra Promessa: Peça-me o que quiser pelo Santíssimo Coração de meu Filho e eu lhe concederei o que me pedir.

22 - MARAVILHAS APÓS SUA MORTE

Muitas foram as maravilhas que Deus realizou e continua realizando por intercessão de seu servo.

Um eclesiástico de Valladolid relata: Quando soube do perigo em que se encontrava a senhora Comendadora María Luisa de Fuenmayor devido à gravidade da doença que sofria, depois de ter pedido a Deus em várias ocasiões pela sua saúde, pela última vez no dia de Santa Isabel, 19 deste mês de novembro de 1737, entre nove e dez da noite, lembrando-me dos favores singulares que o padre Bernardo de Hoyos devia ao Sagrado Coração de Jesus, senti-me movido a confiar-lhe a saúde da doente; e assim o fiz, interiormente. E depois dessa mesma noite, conseguindo um maior conforto, pedi a este servo de Deus que intercedesse e apresentasse suas súplicas ao Pai Eterno, e obtivesse de Sua Majestade esta graça pelo Coração amoroso de Jesus, sendo para sua maior glória e salvação da referida senhora. E prometi, em sua memória, fazer a novena do Coração de Jesus, confessar e celebrar missa em sua honra

(visitando durante doze sextas-feiras o Santíssimo Sacramento em reverência às doze virtudes especiais que residem no puríssimo Coração de Jesus), na sexta-feira da infraoitava do Corpus; cuja promessa foi minha vontade reiterar no dia seguinte sobre o túmulo do padre Bernardo. E assim o fiz às oito da manhã, com as palavras que me ditou a devoção e a confiança, que foi grande a que tive na intercessão do servo de Deus, visitando em seu nome o Santíssimo Sacramento com estação maior: e com este sentimento celebrei a missa naquele dia.

O processo ordinário para sua beatificação (1895-1899) e o apostólico (1914-1919) foram realizados em Valladolid. Para sua beatificação, foi reconhecido o milagre da cura de Mercedes Cabezas, condenada pelos médicos devido ao tifo e a um tumor grave. Ela foi curada em 23 de abril de 1936 em sua cidade natal, San Cristóbal de la Cuesta (Salamanca).

Ele foi beatificado em 18 de abril de 2010, sendo Papa Bento XVI. O ato de beatificação foi presidido pelo cardeal Angelo Amato em Valladolid.

O padre Mateo Crawley-Boevey, grande apóstolo do Coração de Jesus e da entronização do Coração de Jesus nos lares, promoveu a consagração da Espanha e esteve presente na cerimônia de consagração da Espanha ao Coração de Jesus, que ocorreu em 30 de maio de 1919 pelo rei Alfonso XIII no Cerro de los Ángeles (Madri), centro geográfico da Espanha, diante do grande monumento ao Sagrado Coração de Jesus. Este monumento foi destruído a tiros e dinamite por um grupo de milicianos em 7 de agosto de 1936. O governo da Espanha restaurou o novo monumento, que foi inaugurado em 1965.

23 - CONCLUSÃO

Depois de ler atentamente a vida do beato Bernardo de Hoyos, podemos louvar a Deus por ter manifestado a sua glória por meio dos santos. Eles nos falam daquele outro mundo

sobrenatural que tantas vezes os homens esquecem, imersos nas coisas e preocupações materiais da vida cotidiana.

O padre Bernardo nos faz refletir sobre Jesus presente na Eucaristia, que é o próprio Coração de Jesus, cuja devoção ele teve a missão de propagar, assim como Santa Margarida Maria Alacoque ou o santo padre Cláudio de la Colombière. Os três foram grandes santos promotores da devoção ao Coração de Jesus.

Em união com eles, podemos associar o padre Mateo Crawley, peruano, que foi o grande promotor da entronização do Sagrado Coração de Jesus nos lares e que promoveu a consagração da Espanha ao Coração de Jesus, realizada pelo rei Alfonso XIII em 1919.

Demos graças a Deus, porque apesar de tanta indiferença religiosa que domina o mundo atual, ainda há santos que nos falam de Deus com o testemunho de sua vida e, às vezes, também por meio de milagres, como acontece tantas vezes em Lourdes e em outros grandes santuários marianos.

Que Deus nos ajude a aspirar à santidade e a sermos católicos exemplares, capazes de lutar contra o mal e contra o Maligno e dar testemunho de nossa fé sem medo e sem temor.

Que Deus o abençoe por meio de Maria e o torne santo. Este é o meu melhor desejo para você, caro leitor.

Seu irmão e amigo do Peru
P. Ángel Peña O.A.R.
Agostiniano Recoleta

Pueden leer todos los libros del autor en
www.libroscatolicos.org